

sangue novo

Nderé Oblé e a música afro-indígena gaúcha

Joana Luna Camargo

Quando o Nderé Oblé subiu ao palco em Santarém, no Pará, para a abertura do Sonora Brasil 2026, a reação do público foi de surpresa. “As pessoas não esperam ver um grupo de pessoas negras ou indígenas que são do Sul. Imaginam uma coisa mais CTG, ou pessoas brancas”, conta Dessa Ferreira, compositora e diretora musical do grupo. A cena ilustra e reforça a proposta do projeto: mostrar uma face do Rio Grande do Sul que as narrativas oficiais costumam invisibilizar.

Nascido de um projeto anterior idealizado para o Circuito de Música Afro e Indígena Contemporânea em 2023, o grupo ainda não existia com esse nome.

Foi durante esse circuito que o Sesc conheceu o trabalho e fez o chamado para o Sonora Brasil. “A partir desse convite, a gente entendeu que era para continuar fazendo desse jeito, nesse formato. Aí decidimos dar um nome ao grupo”, explica Dessa. Sugerido pelo integrante Oderiê Cha-Yúa, o nome Nderé Oblé vem do Xaná e significa “o bom caminho” ou “bem viver” na língua do povo fronteiriço que habitava o sul do Brasil, a Argentina e o Uruguai antes das fronteiras nacionais.

A banda reúne os trabalhos autorais de Dessa Ferreira, natural de Brasília, há 10 anos radicada em Porto Alegre; Dona Conceição, compositor gaúcho já no terceiro disco; Loua Pacom, da Costa do Marfim, que traz a tradição dos

griôs, com contação de histórias e canto acompanhado do instrumento de percussão djembê; e Oderiê Cha-Yúa, artista afro-indígena de etnia Charrúa. A formação ainda inclui, como músicos convidados, a violinista Zanza e o guitarrista Wagner Menezes.

Atualmente em turnê, o espetáculo que percorre o País se chama *Ancestral-Futuro* e é construído a partir de composições individuais dos integrantes, reorganizadas por Dessa sob uma narrativa coletiva. A ideia, agora, é compor e gravar em conjunto, registrando as criações via edital. “A gente já vem fazendo algumas experiências, aproveitando os momentos de viagem e trânsito entre uma cidade e outra”, conta Dessa.

Ancestral-Futuro já passou por Santarém (PA), Belém (PA) e Maringá (PR), antes de seguir para cidades como Joinville (SC), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Porto Alegre recebe o show no Sesc no dia 25 de agosto, antes de uma jornada pelo interior gaúcho. Para Dessa, a expectativa vai além da difusão do trabalho. “O Sul às vezes fica muito distante do restante do Brasil. É uma oportunidade de descentralizar essa produção artística”, diz.

MARCOS PEREIRA FEIJÃO/DIVULGAÇÃO/JC



Conjunto está excursionando pelo País, em conexão com o projeto Sonora Brasil

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz sugestões de como melhor aproveitar o final de semana. Seja ficando em casa, debaixo das cobertas, ou curtindo a vida noturna até mais tarde (ou não), opção é o que não falta!



Minha dica pra quem curte rock é o show imperdível da Cachorro Grande nesta sexta-feira no Araújo Vianna. A banda, que retomou gradualmente as atividades em 2022 depois de um breve hiato, agora volta em definitivo e com novidades. Apesar de eu já ter visto incontáveis apresentações, o que vai me tirar de casa hoje é o fato de que, além da banda tocar o primeiro disco, que completa 25 anos, na íntegra e na ordem, poderemos ouvir, em primeira mão, duas músicas inéditas que farão parte do próximo disco. Para deixar na vontade, vou dar o spoiler do título de uma faixa: *Harmonia Natural*. Ingressos a partir de R\$ 75,00 no Sympla ou na bilheteria física do Araújo.

Joana Luna Camargo,
repórter do JC



Quer curtir a noite de Porto Alegre, dançar muito e ainda voltar para casa cedo? A boa deste sábado é a festa Baila Comigo, comandada por Katia e Bruno Suman no tradicional Bar Ocidente. O rolê começa cedo (a casa abre às 18h e a pista esquenta às 19h), perfeito pra quem ama diversão sem pressa. Nascida pra turma 50+, a festa conquistou todas as idades com duas pistas, comidinha boa e muita energia. A novidade desta edição é a aula do professor Marcelo Gomes, que vai ensinar todo mundo a mandar o clássico passinho dos bailes cariocas. Não precisa saber dançar, é só chegar, entrar no ritmo e ser feliz.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Para quem quer curtir uma leitura diferente, minha dica é *O Poderoso Chefão Corporativo* (Saraiva, 2012). Sim, o autor foi mafioso. E não qualquer um: Louis Ferrante integrou a família Gambino e, depois de ficar mais de 8 anos preso, deu uma guinada na vida, virou escritor e consultor empresarial. O livro é provocador, mostrando como técnicas de liderança, estratégia e negociação podem ser adaptadas ao mundo dos negócios. O autor nos desafia a deixar os preconceitos de lado e descobrir que muitas habilidades da máfia podem servir para qualquer organização. Uma obra polêmica, sem dúvida, mas que justamente por isso rende reflexões inesperadas.

Cristine Pires, editora-assistente de Economia



Tenho certeza que muitos fãs de rock já assistiram *The Wall*, a majestosa obra de Alan Parker que leva para o cinema o clássico álbum do Pink Floyd. Mas revisitar os traumas e delírios do personagem Pink em tela gigante, com toda a imersão de uma sala de projeção, promete ser uma experiência à parte - e é isso que a Sala Paulo Amorim da CCMQ oferece no domingo, às 14h15min, por módicos R\$ 10,00. Dá para reviver as emoções desse filmaço, curtir o clima da Rua da Praia e, quem sabe, ainda pegar o show do Nazareth no Opinião, no começo da noite - programação capaz de fazer qualquer roqueiro ignorar a chuva, vestir a jaqueta de couro e botar o pé na rua.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC